

VIII Jornadas de Jóvenes Investigadores
Instituto de Investigaciones Gino Germani
Universidad de Buenos Aires
4, 5 y 6 de Noviembre de 2015

Rubens MASCARENHAS NETO

Estudante de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS - UNICAMP

rubensmasneto@hotmail.com

Eje 8. Feminismos, estudios de género y sexualidades.

“Irmã, mãe, filha e sangue do meu sangue”: notas sobre parentesco e família entre drag queens em Campinas, Brasil.

Palavras-chave: Drag Queen; Família; Parentesco; Sexualidade; Gênero

“MÃES, AMIGAS, IRMÃS, AVÓS, BISAVÓS... MÃES 30 VEZES... PRIMAS, TIAS... MÃES DE NOVO... ELAS ME AJUDAM, ME SEGURAM, ME AGUENTAM, ME ADULAM, ME AMAM, AS VEZES... ME ODEIA, QUASE SEMPRE... CONSELHEIRAS, PARCEIRAS, OMBROS AMIGOS... MÃES NOVAMENTE... BASES, SUSTENTO, SEGURANÇA, CARINHO, PROTEÇÃO E MÃES ETERNAMENTE... OBRIGADO POR EXISTIREM, ME ENSINAREM, ME AJUDAREM, ME AMAREM... EU TENHO A CERTEZA QUE TENHO AS MELHORES MÃES DO MUNDO [emoji¹ com olhos de coração] FELIZ DIA DAS MÃES [emoji de dedos apontando para um coração no centro]” (Postagem pública no perfil de uma drag queen na rede social Facebook no dia 10 de maio de 2015 e trecho do diário de campo)²

¹Emoji são símbolos gráficos que expressam emoções, geralmente são usados em conversas virtuais e nas redes sociais.

² Todas as citações de falas e textos de interlocutores estão no original, não optei pelo uso do termo *sic* quando as citações não seguem a norma culta da língua portuguesa, haja vista que tais diferenças em relação à norma não possuem relevância para a presente proposta de pesquisa, não se pretendendo aqui reproduzir preconceitos linguísticos. Além disso, as categorias êmicas e estrangeirismos serão grafados em itálico.

A situação que uso como epígrafe deste paper foi retirada de uma postagem pública no facebook no dia 10 de maio de 2015, Dia das MÃes. O pequeno texto foi sucedido por algumas fotos, em uma delas Thérèse³, uma jovem drag com pouco mais de dois anos de carreira estava abraçada com Simone, uma drag mais experiente da cidade. Na outra com Hélene, uma drag com cinco anos de carreira e boa projeção no meio drag. Ambas são mães de Thérèse, e para os objetivos deste paper eu explorarei melhor a relação entre Thérèse e Hélène. Essa homenagem ilustra um aspecto que tem me instigado durante a realização da pesquisa, quais são as representações de família entre drag queens? Como se configuram as relações de parentesco?

Importante mencionar que nem todos os integrantes das famílias de drag queens são drag queens também, podendo ser jovens gays e jovens travestis. Ainda sobre as travestis, muitas delas podem ser mães e filhas de drag queens. Quanto aos rapazes, eles podem assumir uma figura de paternidade, diretamente relacionada à função de marido. Não encontrei, por ora, situações em que meninas são consideradas filhas das drag queens, ainda que, nas interações vistas em campo, essas meninas sejam parte do *entourage*⁴ de muitas drags.

A proposta aqui apresentada tem como fundamento minha pesquisa de mestrado, em curso, sobre os deslocamentos espaciais e sociais de drag queens da cidade de Campinas, no interior do estado de São Paulo, no sudeste brasileiro. Campinas é uma cidade de população superior a um milhão de habitantes, e centro de uma região metropolitana. A cidade possui uma proeminência no cenário político nacional sobre questões LGBT, como mostra Zanolí (2015), tendo sediado a primeira política pública de combate a homofobia do Brasil, o Centro de Referência LGBT de Campinas, e o primeiro ponto de cultura dedicado a LGBT, a Escola Jovem LGBT⁵. Na década de 1990, a cidade foi o berço de um dos primeiros grupos ativistas transexuais, o

³ Todos os nomes de interlocutores aqui citados são pseudônimos. O objetivo desta estratégia é proteger suas identidades.

⁴ Que utilizo para designar um grupo formado tanto por parentes (filhos, netos, irmãos, mães, avós) da drag, quantos pelos admiradores, que acompanham a(s) drag(s) em seus shows, viagens, noites de lazer e nas redes sociais.

⁵ Com o fim do período de financiamento pelo governo federal, a Escola Jovem LGBT acabou fechando as portas, e os seus organizadores, Deco Ribeiro e a drag queen Lohren Beauty, se mudaram para São Paulo onde estão articulando novas atividades culturais voltadas para a juventude LGBT. Deco e Lohren são fundadores do grupo E-Jovem, ligado ao PC do B, que tratava de questões relacionadas a infância e adolescência de LGBT; a seção de Campinas do grupo E-Jovem também era chamada E-Camp. Vale ressaltar que a Escola ofereceu durante o período de seu funcionamento um curso de formação de drag queens. Muitas drags utilizam o sobrenome Camp como forma de marcar tanto a sua origem campineira, como fazem algumas das mais experientes ou como marcação de sua participação no E-Camp e na Escola.

Movimento Transexual de Campinas, como apontam Mario Felipe Lima Carvalho e Sergio Carrara (2013), apesar disso, Campinas tem até hoje um alto índice de crimes transfóbicos. Em termos de mercado GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), Campinas, apesar de possuir um bom número de estabelecimentos voltados para o público LGBT, não conta com mais do que três casas noturnas que contratam shows de drag queens.

A metodologia empregada na pesquisa de mestrado é de cunho etnográfico, baseada, em princípio, na observação participante⁶. Nela, trabalho com um conjunto de drag queens que se consideram *negras* e da *favela*, e procuro observar como estes, e outros *marcadores sociais da diferença* se intersectam numa trama onde circulam estilos, performances e discursos.

Nesta apresentação, pretendo explorar e dialogar com as reflexões sobre novas configurações de parentesco e família ao analisar as formas como minhas interlocutoras estabelecem relações nas quais dimensões profissionais, artísticas, afetivas e políticas são combinadas possibilitando deslocamentos e ascensão na carreira de drag queen.

Onde a noite começa

Localizada no coração da cidade, a Praça Bento Quirino, conhecida popularmente como Sucão, é um importante espaço de sociabilidade LGBT campineiro. Gays e lésbicas, travestis, homens e mulheres trans e, claro, drag queens⁷, em sua maioria pretos e pardos, e na faixa etária dos 16 a 26 anos, perambulam nas agitadas noites de sexta-feira quando os seus cinco bares estão cheios e a praça repleta de jovens. Além dos jovens, o local tem presença de público⁸ mais velho, de idade superior aos 30 anos, que é também composto pelas mesmas identidades que descrevi, diferenciando-se apenas pelo fato de se sentarem nas mesas dos bares, ou rodearam a praça procurando pela companhia de mais jovens.

⁶ Entrevistas gravadas compõem a metodologia de pesquisa, entretanto, no momento de escrita deste paper ainda não disponho de um material gravado devidamente sistematizado. Utilizarei neste texto alguns relatos e conversas informais documentadas no diário de campo.

⁷ Importante mencionar que utilizo a categoria genérica de *drag queens* para definir minhas interlocutoras, considerando que se trata da maneira mais frequente pela qual se apresentaram nas interações de campo realizadas até então, particularmente nas situações que envolvem performances públicas e concursos. Todavia, não desconheço os trabalhos que têm apontado um deslizamento de categorias no “universo trans” (BENEDETTI, 2005; VENCATO, 2002, 2013; BARBOSA 2010) e considero que, eventualmente, outras e outros jovens possam se identificar não como *drag queens*, mas como *transformistas*, *crossdressers*, *caricatas* ou apenas dizer que *se montam*.

⁸ Vale mencionar que há entre seus frequentadores pessoas que se consideram heterossexuais, contudo, a imagem corrente da praça está sempre relacionada a LGBT.

Em termos de classe social, os frequentadores do Sucão são oriundos de famílias de baixa renda, sendo muito frequente ouvir que alguns deles vão para a praça com pouco mais que o dinheiro do transporte. Entretanto, boa parte dos jovens se reúne em pequenos grupos onde compartilham bebidas, cigarros e eventualmente maconha. Ao observar a praça é muito comum ouvir o estilhaçar de garrafas o que causa certo incômodo em todos, dado o perigo de agressões por parte dos motoristas de carros que passam e pelo episódio em que um casal foi vítima de agressão física por parte de um garçom dentro de um dos bares da praça, com a conivência de seu gerente. Aliás, vale mencionar que a praça como espaço de sociabilidade LGBT surgiu a partir de um caso de agressão⁹ que desencadeou um protesto e a presença constante de LGBT.

A praça é, portanto, um laboratório a céu aberto para sexualidades não-normativas e expressões de gênero, como mostram Larissa Pelúcio e Tiago Duque (2013). Os autores, em sua pesquisa com jovens travestis sinalizaram para um aspecto interessante da noite no Sucão, o que chamaram de *efeito Cinderela*. Logo depois das 23:00 é possível notar que o público da praça começa a se reconfigurar, visto que os últimos ônibus das linhas que servem as regiões mais periféricas de Campinas (de onde vem a maior parte dos jovens ali presentes) começam a passar. Alguns jovens *montados*¹⁰, antes de tomarem seus ônibus para casa, limpam suas maquiagens do rosto, tiram acessórios e roupas ousadas e voltam a *fazer a linha boy*¹¹ antes de voltarem para casa.

Entretanto, alguns dos jovens, em geral aqueles com idade próxima ou superior aos 18 anos, continuam na praça, visto que se deslocam para outros espaços de lazer, em especial casas noturnas. Dentre as boates GLS campineiras, o Club Subway, uma boate tradicional na cidade e que promove concursos de drag queens e shows, sempre manda representantes à Praça do Sucão para distribuírem descontos para entrada na boate. Cientes da possibilidade de ingressarem na boate por um preço menor, alguns dos jovens do Sucão esperam a chegada do “rapaz de camisa preta”, um dos funcionários da boate que distribui as filipetas promocionais. Desse modo, se a noite começa no Sucão, há grandes chances de terminar na Subway.

⁹ Não há uma precisão da data em que o fato teria ocorrido, nem mesmo qual a natureza da agressão (física ou verbal), contudo, a história é sempre contada como um evento quase mítico.

¹⁰ O ato de se montar representa a transgressão das normas vigentes de vestimenta e atitude. O termo é interessante por sinalizar a dinâmica processual do ato de construir uma personagem, por vezes feminina e de corporificar signos relacionados a uma ideia de feminilidade.

¹¹ *Fazer a linha boy* seria performar uma ideia de masculinidade. Muitos desses jovens têm a necessidade de realizar tal ato em função do temor de violência fora do espaço da praça, dentro dos transportes públicos ou mesmo em suas vizinhanças.

Na praça também são realizados eventos do Mês da Diversidade Sexual de Campinas, como a Manifestação Sáfica (voltada para mulheres lésbicas e bissexuais) e o Big Juice, que fora concebido como um evento voltado para a juventude. Ambos são compostos por um conjunto de shows solo em um palco montado em uma das extremidades da praça, sendo que no Big Juice a maioria das apresentações (quando não a totalidade) são feitas por jovens *drags*, muitas delas que, por serem menores de idade, em teoria, não têm acesso aos shows e concursos realizados nas casas noturnas. As últimas edições têm recebido um bom número de espectadores, que são em sua maioria frequentadores da praça. Contudo, o fato do evento anteceder a Parada, e ser apresentado por *drags* mais experientes e conhecidas aumenta as possibilidades de divulgação dos shows das *drag queens* mais jovens.

Sendo um ponto de encontro para jovens LGBT, o Sucão é também o primeiro lugar onde jovens *drag queens* conseguem reunir admiradores, e, sobretudo, novos filhos e filhas. Minhas duas interlocutoras privilegiadas, Thérèse e Hélène, mencionadas na epígrafe, são figuras muito populares entre os frequentadores.

“A rainha do Sucão”

Hélène é uma *drag queen* negra, tem 23 anos, nasceu em Campinas, vivendo boa parte da juventude com sua mãe. Hoje Hélène mora com mais três *drag queens* em um apartamento na Região Sul de Campinas. Com cinco anos de carreira, conquistou alguns prêmios importantes no meio *drag campineiro* e regional, como o Concurso de Novos Talentos da Vila Padre Anchieta¹², e o Concurso de Melhor Show da Boate Fourton House, em Jundiaí.

Um relato escrito por Hélène foi divulgado em um perfil na rede social Facebook que compila relatos e faz homenagens às *drags* de Campinas e região. Nele, ela retorna a fatos do início de sua carreira reafirmando o lugar que a Praça Bento Quirino representa como espaço de experimentação.

#Hélène M. V.

Oiee amores aqui quem fala é F. (...), atualmente tenho 22 anos
e nasci aqui em Campinas-sp. Conhecida no Meio (Lgbt)...

¹² O evento é constituído de uma sequência de apresentações artísticas de dançarinas e dançarinos da comunidade, performances de *drag queens* consagradas no mercado GLS e um concurso de performances de jovens *drag queens*.

como Heléne M. , e filha de Victoria V., na qual tenho muita honra em poder usar seu sobrenome tambem.

Tudo começou com apenas uma brincadeira de Colegas se montando atras das baquinhas no sucao (Praça Bento Quirino), depois Conheci a escola de drags o #Ejovem comandado por #Lohren e #Deco (...) , que a todo ano , no mes da diversidade faziam eventos e lançavam Drags ali também no SUCÃO , e foi através destes eventos que me deu a louca vontade de me apresentar nos palcos tambem.

Pisei pela primeira vez em um palco num evento que se chamava #DiaDoSILENCIO um grupo de funk onde eu e outras drags queens tinhamos como o nome "MANDIOCAS DO FUNK "

Fizemos 2 shows na falecida boat #prideClub logoo depois decidi seguir minha carreira solo e construir meu próprio Nome, (#M.) Inspirado em #Sasha Z. #Juliana D. #Samilily V. #Melissa B. #Roxxy L. e #Lekisha T.,

Apartir do momento em que vi o show destas meninas me encantei ainda mais pelos palcos e quis viver daquela emoção.

Recebi ajudas no começo, graças a Deus, sou grataa a cada PESSOA que se deu um pouquinhoo de si para me ajudar principalmente... #Y. (...) e W. (...) Logicoo que existee milhares de pessoas por traz da #TalM. , e agradeço a cada uma dessas pessoas... como Daphné M. que me fez crescer comoo Pessoa e Artista , e que até hoje me da uma mãozinha agradeço de mais Pois sou, uma pessoa Sonhadora, Apaixonada, Alegre, de bem com a vidaa

Heléne V., quer sempre mais , Abusoo , Glamour , e chegar cada vez mais ALTOO , enfrentar a todos os tipos de obstáculos que vier

isso é um pouquinho da M. Agradeço a Deus por sempre estar comigoo , eventos, Projetos... Meus Filhos e Irmãos K. e S. que sempre que podem me Acompanhar

Enfim obrigada a todos ♡

Observa-se uma narrativa de superação e valorização na qual termos como “abuso” (no sentido de uma atitude exagerada), “glamour”, “chegar mais alto”, “querer sempre mais” representam uma atitude semelhante à das divas. Soma-se a isso uma gratidão a outras drag queens mais experientes que a inspiraram e a ensinaram, ou mesmo como Victoria V., que é sua figura materna. As apresentações públicas de drag queens são eventos importantes na formação das novatas. E a produção de um show, as músicas e luzes, e claro a imagem cuidadosamente pensada para aquela ocasião inspiram admiração nos jovens que assistem ao show. Em várias ocasiões as drags interagem com o público antes e depois de seus shows, tirando fotos e cumprimentando seus espectadores.

Mas, não são apenas nos shows em que drags e público interagem. As redes sociais são também um espaço importante de contato, em especial nos perfis criados com a identidade drag. Neles, observa-se um grande número de publicações de fotos, pequenos textos, agenda e vídeos de shows. Nas redes sociais, admiradores das drags estabelecem laços, contato e publicam fotos tiradas com elas. É nas redes sociais também que se observa a publicização das relações de parentesco, tal como é visto na epígrafe, e no texto acima. Ainda sobre o parentesco é comum ver entre os filhos das drags a adoção do sobrenome artístico, ou ainda o sobrenome pessoal.

Contudo, o espaço por excelência de interação entre drags e seus filhos (e possíveis filhos), no contexto etnográfico em que analiso, parece ser a praça do Sucão. Quando Heléne chega numa noite de sexta-feira na praça é possível ver como ela é respeitada, e como sua atenção é disputada, afinal ela tem cerca de trinta filhos (entre drags neófitas e garotos gays). Tais obrigações sociais, de cumprimentar filhos e netos, ser fotografada com seus admiradores, reencontrar amigos e outras drags, levam algum tempo, e dado o fluxo de pessoas, não é de se espantar que durante uma conversa ou outra alguém apareça pedindo uma foto, ou cumprimentando sua mãe ou avó.

A popularidade das drags é um fator explorado pelas casas noturnas, afinal quanto maior o *entourage*, maior será o público para encher a casa noturna¹³. Em uma de minhas idas a campo, participei de uma excursão para Jundiaí, organizada por Heléne, por ocasião da comemoração de cinco anos de carreira na boate Fourton House. Além de acertar todo o show com drags convidadas (boa parte delas campineiras), Heléne alugou uma van e um micro-ônibus para levar seu público até a cidade vizinha.

¹³ Ainda que isso nem sempre reflete me gastos com consumo de bebidas dentro da boate.

Os carros saíram, lotados, da Praça do Sucão e o pagamento foi dividido pelos passageiros. Soube em conversas informais que parte do valor ainda estava faltando, visto que muitos filhos acabaram não pagando na hora. Heléne por sua vez, teve que arcar com os gastos para que seu público pudesse acompanhá-la. Apesar da falta de pagamento, o show e a viagem foram bem sucedidos. Esse fato me parece complexificar a relação de respeito e obrigação do filho com sua mãe drag. Voltarei a esse aspecto mais adiante no texto.

Como dito, um grande *entourage* traz consigo alguns benefícios para as drags. Nos concursos promovidos por casas noturnas, em geral de melhor show ou dublagem, ter uma boa quantidade de torcedores influencia nos resultados finais. Os concursos são uma forma de competição mediada, nas quais as drags disputam por prêmios ou títulos. Chamo de mediada, pois há casos em que drags desafiam umas as outras em disputas de dança e show, sem necessariamente ocorrer por razão de um concurso. Em especial nas performances de bate-cabelo¹⁴. Nessas performances, como sugerem alguns interlocutores, gestos provocativos são realizados para comunicar com drags rivais. As provocações não são exclusividade do bate-cabelo, é mais usual observar conflitos quando uma drag apresenta um número com a música de outra, ou encena no palco elementos da vida pessoal, sendo que o caso mais emblemático que observei até o momento foi uma provação devida a uma relação amorosa rompida entre drags. Nos conflitos, quando uma drag se sente ofendida, seu *entourage* sai prontamente em sua defesa, ou engrossa o coro de vaias iniciado pela drag.

Os concursos de melhor show e melhor dublagem são em geral organizados pelas casas noturnas, ao passo que os concursos de beleza, uma modalidade antiga, ocorrem em outros espaços como teatros e reuniões particulares, e são organizados por outras drags, admiradores e patrocinadores. No momento ainda não disponho de dados consistentes sobre os concursos de beleza.

Em conversas informais, um interlocutor, que atua como empresário de drags e jurado de concursos, me relatou que a prática de concursos de melhor show e dublagem em casas noturnas é uma estratégia que acaba por desvalorizar a expressão artística drag, posto que as participantes não recebem nada pelos shows, e as casas noturnas

¹⁴ O bate-cabelo consiste na apresentação de dança com movimentos circulares da cabeça em que as drags agitam a peruka ao som de uma música específica, com a adição de efeitos sonoros como chicotes sincronizados com a coreografia. Suas origens remontam à década de 1990, a partir das performances da drag paulistana Márcia Pantera.

conseguem oferecer atrações durante todo o período do concurso. E uma vez que uma drag popular avança nas eliminatórias, seu público a acompanha.

Mas há também casos em que, por respeito e admiração, uma drag mais experiente, que eventualmente tenha sido eliminada, leva a seu *entourage* para torcer por outra colega. Observei esse fator na ocasião da final do concurso de melhor show da boate Club Subway, na qual Heléne e Thérèse compareceram à boate com seus filhos para torcer por Suzana, uma jovem drag que mora com elas. Suzana foi vencedora não apenas por seu talento, mas também pelo desempenho (avaliado pelos jurados) e pelo número de aplausos que ela recebeu. Nos casos em que filha e mãe competem, seus respectivos filhos (e irmãos) devem fortalecer a torcida. Assim, a presença de filhos (e netos) nas casas noturnas como apoio é uma parte importante da profissão drag queen.

“Meu estilo é mais senhora”

Thérèse tem 20 anos, nasceu em Indaiatuba, na Região Metropolitana de Campinas. Quando criança se mudou com sua mãe para Campinas, onde possuía familiares. Thérèse fez aulas de teatro durante a pré-adolescência, o que lhe possibilitou uma presença forte no palco. Apesar de ter pouco menos que dois anos de carreira, conseguiu uma boa projeção no meio drag campineiro, sendo contratada como residente do Club Subway. A drag residente é aquela que possui uma regularidade garantida nos shows, ocupando uma posição de semi-contratada, o que representa alguma estabilidade na fonte de renda e um cachê um pouco mais alto. Como residente, Thérèse me relatou que ganha cerca de R\$ 150,00 reais por show, ao passo que uma drag convidada por uma noite recebe R\$ 70,00 reais. Os valores, como ela relatou, são muito baixos, tendo em vista os gastos com maquiagem, roupas, acessórios e perucas, de modo que é difícil para jovens drag queens se manterem apenas com o trabalho artístico.

Thérèse mora em um imóvel de sua família, que divide com mais 3 drags: Heléne, Danièle e Clarissa. A coabitação surgiu em função de uma associação entre as drags para conseguirem arcar com as despesas de show mencionadas acima. Assim, cada uma delas se concentrou em adquirir um dos elementos necessários, e Heléne, por possuir mais experiência e contatos, acabou por ajudar também na organização dos shows e nas relações com as casas noturnas. Como Thérèse relata, a amizade/irmandade delas é algo incomum no meio drag, dada a competição acirrada por oportunidades.

Se com as duas outras componentes de seu núcleo doméstico, consideradas aparentemente como filhas, por serem mais jovens e menos experientes, Thérèse, por vezes, utiliza também termos como amizade e associação, quando perguntada sobre Heléne, ela é bem taxativa: “ela para mim é uma irmã, eu não abro mão de viver com ela”. Como visto na epígrafe, Heléne ocupa um duplo lugar no parentesco drag com Thérèse, um lugar materno, talvez inspirado pelo respeito por sua experiência, mas também um lugar fraternal, decorrente de um convívio diário, da partilha de uma casa e de um enfrentamento conjunto das dificuldades cotidianas da vida em Campinas (Carsten, 2004; hooks, 1990; Bailey, 2013). As duas trabalham como maquiadoras em uma mesma loja no centro da cidade, e quase sempre estão juntas nas noites de sexta-feira no Sucão.

Sendo uma figura imponente e conhecida, em pouco tempo, Thérèse reuniu em torno de si 28 filhos e filhas, sendo que alguns são compartilhados com Heléne, informação precisa de que ainda não disponho. Se definindo como uma drag que faz um estilo “mais comportado” e “comprometido com os shows”, Thérèse não frequenta o Sucão sempre montada, como faz Heléne, ainda que atitude maternal e matrona sejam facilmente reconhecidas. Seja aconselhando filhos e filhas mais jovens, ou mediando conflitos, Thérèse está sempre conversando com pequenos grupos na praça.

Em certos aspectos a reflexão de bell hooks (1990) sobre a *Black house* como um espaço de segurança e refúgio da opressão cotidiana, ecoa no contexto etnográfico observado, sobretudo no que se refere à aparente aceitação das famílias biológicas de Heléne e Thérèse. Marlon Bailey (2013), em sua análise das relações familiares e de parentesco produzidas nas *Houses* da *Ballroom Culture* norte-americana, que se apresentam como uma alternativa à habitação familiar biológica¹⁵, na qual a sexualidade e a performance de gênero são coibidas e censuradas, me permite supor, no caso aqui estudado, que a quantidade de jovens que buscam uma figura materna em Heléne e Thérèse, demonstre que, para eles, a situação familiar e doméstica não seja a mesma. Assim, retomando a discussão de Pelúcio & Duque (2013), com especial atenção para o “efeito Cinderela”, é possível levantar como hipótese, me inspirando em Bailey (2013), de que o Sucão seria o local por excelência daquelas famílias de drag, uma nova casa a céu aberto.

¹⁵ Esta tacanha distinção utilizada serve apenas para facilitar na complexa descrição das relações. Como veremos, as relações biológicas neste contexto tem pouca ou nenhuma importância no parentesco e na família.

Em uma das observações de campo, por ocasião do Big Juice, no qual Thérèse se apresentara, dois jovens começaram uma discussão nas proximidades do palco e dos camarins. Thérèse, que já havia feito seu número, estava terminando de recolocar sua roupa da noite, e ao saber da confusão, se dirigiu rapidamente ao público. Ela percebeu que um de seus filhos estava bastante abalado e nervoso, o motivo era que seu ex-namorado, que havia o traído, estava na praça desfilando com o amante, e o filho de Thérèse teria agredido o ex-companheiro. Logo que os socos e pontapés começaram, Thérèse interveio e separou a briga, indo logo em seguida partir em defesa do filho insultado. Ela disse aos amigos do outro rapaz que o controlassem, “cuidem do seu, que eu cuido dos meus”, seu tom era enérgico e o rapaz se aquietou. Em seguida, vendo como os outros filhos e filhas estavam abalados com a situação em que o irmão estava envolvido, ela tratou de acalmá-los. Por fim, ela conversou com o filho insultado, e apesar de repreendê-lo pelo ocorrido, o acalentou. Alguns dos jovens que estavam ali, e presenciaram a cena, gritavam coisas como “vai dona Thérèse, põe ordem na casa” ou “isso mãe, arrasou”. Em questão de minutos a briga estava terminada.

Observa-se que a figura materna drag possui uma ascendência especial sobre seus filhos, e sobre outros jovens que convivem com aquela família. Assim, seja mediando conflitos ou apaziguando os ânimos mais exaltados, a mãe drag toma para si um conjunto de atitudes relacionadas a uma representação de maternidade que se assemelha ao papel da mãe como fonte de afeto e disciplina.

Ainda, vale mencionar que a mãe transmite às suas filhas um conjunto de saberes sobre o fazer drag, que vão desde técnicas de maquiagem e palco, até lições de conduta e trato com possíveis empregadores. Um aspecto importante, que não abordei aqui com profundidade por não dispor de dados consistentes, diz respeito à primeira montaria, na qual a mãe prepara a filha e a nomeia, sendo um ritual de iniciação e nascimento que pretendo explorar. Desse modo, observo que entre os sujeitos talvez haja um resgate de um imaginário de mãe biológica que assume um papel de centralidade na família e na vida dos filhos.

Mas uma especificidade no parentesco com Thérèse chama atenção. Sua mãe biológica Delphine, uma mulher heterossexual e solteira com idade próxima aos 40 anos, geralmente frequenta o Sucão e as casas noturnas onde as drags se apresentam. Nas redes sociais é uma grande entusiasta do trabalho de Thérèse e das outras drags. O interessante é que Delphine é por vezes nomeada como avó pelos filhos e filhas de Thérèse. A própria Hélène trata Delphine por vezes como mãe, de modo que, seus filhos

e filhas compartilhados também a nomeiam como avó. Assim, Delphine exerce uma influencia sobre aqueles jovens, que se origina a partir de Heléne e Thérèse, e passa a ocupar um lugar nas relações de parentesco.

Conclusão

Neste paper, busquei apresentar algumas das questões que emergiram nas minhas primeiras observações de campo e conversas com minhas interlocutoras. Desse modo, não posso senão, tentar retomar alguns pontos discutidos no texto, de maneira a refletir sobre as representações de família e parentesco entre um grupo de drag queens.

A partir de relatos de campo foi possível observar que as famílias e o *entourage* são aspectos fundamentais da carreira artística drag. Como a reflexão sobre Heléne mostra, ter um número expressivo de apoiadores representa um conjunto de benefícios em termos de competição e de divulgação. Seja pela divisão dos custos de deslocamento, ou pelo suporte nos shows e competições, a relação entre a mãe drag e seus filhos é permeada tanto por carinho, quanto por tensões, como fica claro na reflexão sobre Thérèse. Aliás, é possível supor que o carinho publicizado nas redes sociais e nas interações pessoais seja uma forma de amortecer possíveis desavenças ou desagrados decorrentes da carreira artística, visto que nem sempre uma mãe drag consegue agradar e atender seus filhos nos shows. Ainda, são os laços afetivos, de natureza espontânea, que solidificam as obrigações sociais. Desse modo, faz-se necessário incorporar reflexões sobre agência e afeto entre LGBT.

Thérèse e Heléne são consideradas jovens lideranças entre as drag queens. Sua proximidade com o Grupo “Aos Brados!”, um dos poucos grupos militantes LGBT campineiros em atividade no momento, na organização de shows com uma temática voltada para a valorização da negritude – em sintonia com alguns dos objetivos do grupo como dar visibilidade e oportunidade a LGBT negros e das periferias de se apresentarem – e a tradição africana, lhes conferem uma interessante bagagem política. Thérèse se dedica às atividades de organização dos eventos, dada a sua proeminência entre as drags campineiras jovens. Heléne tem sua atuação mais voltada nas atividades de divulgação. Parte disso se deve à sua popularidade entre os jovens LGBT foco das ações do grupo.

Mas o que chama atenção na atuação política das duas é que o grande número de filhos e filhas, e admiradores, as colocaram em uma posição de centralidade no grupo,

uma vez que, por comporem as atividades culturais promovidas pelo Aos Brados!! seus *entourages* participam também do evento, tanto como colaboradores, quanto como espectadores. Assim, há um conteúdo político em suas relações, e que parecem remeter à ideia de Esther Newton (1979) das drag queens como lideranças políticas da comunidade gay. Ainda, suas carreiras artísticas se misturam com sua militância, visto que através do grupo, as drags conseguiram abrir espaço dentro do mercado GLS, e conseguiram visibilidade.

Busquei neste paper fazer um primeiro esforço de sintetização do material que disponho sobre as relações de parentesco e família observadas no contexto etnográfico em que desenvolvo minha pesquisa. Através de partes da trajetória de duas interlocutoras privilegiadas, foi possível observar como família e parentesco podem ocupar um papel de centralidade nas relações pessoais, profissionais e políticas das drag queens. Portanto, a família parece se apresentar enquanto uma complexa rede de prestações e contra-prestações em que circulam: sobrenomes, como forma de status e respeito; objetos, como perucas, vestidos, sapatos maquiagens; rituais de iniciação como a primeira montaria; além de estilos performance, entre outros.

Referências Bibliográficas

- Bailey, M. (2013). Engendering space: Ballroom culture and the spatial practice of possibility in Detroit. *Gender, Place & Culture*. doi:10.1080/0966369X.2013.786688
- Barbosa, B. C. (2010). *Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Benedetti, M. R. (2005). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Carvalho, M., & Carrara, S. (2014). Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (14), 319-351.
- hooks, B. (1992). *Black Looks: Race and Representation*. New York: South End Press.
- hooks, B. (Ed.). (1991). Hooks, Bell, “Homeplace : A Site of Resistance”. Em _____. (org.). *Yearning : Race, Gender, and Cultural Politics* (1990), London: Turnaround. pp. 45-53.
- Livingston, Jennie (1990). *Paris is burning* [Filme-DVD] Livingston, J. dir. EUA: Academy Entertainment Off White Productions e Miramax Films. 1 DVD, 71min. Son. Col. Inglês.
- Newton, E. (1979). *Mother Camp: Female Impersonators in America*. Chicago: University of Chicago Press.
- Pelúcio, L., & Duque, T. (2013). “Depois, querida, ganharemos o mundo”: Reflexões sobre gênero, sexualidade e políticas públicas para travestis adolescentes, meninos femininos e outras variações. *Revista de Ciências Sociais*, 44 (1).
- Vencato, A. P. (2002). ‘*Fervendo com as drags*’: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Zanolí, V. P. C. (2015). *Fronteiras da Política: relações e disputas no campo do movimento LGBT em Campinas (1995-2013)* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.